

2 - O MUNDO DE ATENAS: O INÍCIO DA GUERRA DO PELOPONESO

Thiago Tolfo¹⁵⁵

Peter Jones formou-se em estudos clássicos pela Universidade de Cambridge em 1964, e finalizou seu doutorado na cidade de Londres em 1971. Durante oito anos ensinou estudos clássicos nos E.U.A, Edimburgo, Nottingham e Londres até 1974. Em seguida, Jones dirigiu, por cinco anos, um projeto associado ao estudo de Grego em Cambridge. Ao término desse projeto, tornou-se professor na Universidade de Newcastle Upon Tyne.¹⁵⁶

Na obra *O Mundo de Atenas*, da qual é o organizador, ele apresenta um panorama sobre a sociedade grega, especialmente da cidade de Atenas no período clássico (séc. VI ao séc. IV a.C) levando em conta sua história, seus aspectos culturais, seus valores e feitos. O subtítulo tratado “O rompimento com Esparta e a Primeira Guerra do Peloponeso (464-445)” (JONES, 1984: p. 23), na “Introdução Histórica: Linhas Gerais da História de Atenas até a morte de Alexandre o Grande”, aborda especialmente o rompimento de Atenas com Esparta e a primeira Guerra do Peloponeso (464-445), em um contexto pós-invasões Persas, especificando as tensões que gerariam o conflito. A linguagem da obra é voltada para um público adulto sem necessitar de conhecimentos específicos, como o grego antigo, para a compreensão do livro.

O autor argumenta que após os cinquenta anos que sucederam as Guerras Pérsicas, tanto Atenas como Esparta mudaram a forma de atuar e de agir politicamente (JONES, 1984: p. 23). Atenas começou a ter um crescimento muito agressivo, tendo o

155 Acadêmico do 8º semestre do Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, orientado pelo Prof Dr Carlos Henrique Armani.

156 Verificar as informações no site: <http://www.intelligencesquared.com/people/j/peter-jones>

Acessado em: 15/06/2011

apoio condescendente de seus cidadãos. A Liga de Delos passou a ser o instrumento principal desse crescimento. No entanto, as vozes dentro de Atenas nem sempre convergiam para as mesmas perspectivas. Havia homens como Címon que defendiam os interesses de Esparta e julgavam como verdadeiros inimigos os Persas, pois sua posição era favorável à manutenção das relações amistosas entre os líderes da Hélade (JONES, 1984: p. 24). Nesse mesmo espaço de opiniões, outros consideravam a política agressiva de Atenas a solução para o sucesso. Explorar as fraquezas de Esparta fazia-se como a melhor alternativa. No entanto, na perspectiva do autor, Esparta não podia fazer muita coisa a respeito das ações de Atenas, principalmente porque, após um imenso terremoto que devastou a cidade em 464, despertou nos Hilotas, seus vizinhos e subordinados, principalmente da Lacônia e Messênia, um desejo de revolta (JONES, 1984: p. 25). Esse fato culminou numa prestação de auxílio por parte de Atenas para frear a revolta ou os ânimos dos revoltosos. Contudo, o autor ressalta a preocupação dos espartanos com uma possível solidarização dos soldados atenienses com os insubordinados messênicos, fazendo com que os espartanos dispensassem o contingente ateniense, acarretando, desta forma, o afastamento político de Címon, o que conseqüentemente oportunizou um ambiente favorável para políticas agressivas frente a Esparta (JONES, 1984: p. 25).

Na perspectiva de Jones, um evento que possivelmente iniciou a Guerra do Peloponeso foi uma aliança entre Atenas e Argos, cidade inimiga dos espartanos, além da saída de Mégara da liga do Peloponeso para aliar-se com Atenas. Com a aliança, Atenas permitia a Argos o controle do istmo, dificultando o acesso de Esparta nas imediações da Grécia Central. De acordo com o autor, os primeiros movimentos desse confronto ocorreram em 457, quando Esparta interveio na Grécia central numa disputa entre a Fócida e Dória, unindo-se ao Tebanos, fato esse que incentivou os atenienses ao confronto e a uma inesperada derrota. Em seguida, os atenienses derrotaram as forças beócias em Enófita e assim começaram a controlar a Beócia e a Fócida (JONES, 1984: p. 25). No entanto, durante esses primeiros movimentos de guerra, o domínio ateniense

desmoronou. Revoltas como a da Eubéia em 446 e batalhas como a de Coronéia em 447, além das intervenções espartanas, geraram respostas à altura pelos atenienses, levando o conflito a um impasse.

Por fim, o autor deixa transparecer que Esparta e Atenas firmam um tratado de paz, assinado em 446, que duraria trinta anos. O acordo seria a renúncia, por parte de Atenas, às suas pretensões de criar um império terrestre na Grécia Central, o que impediria qualquer intervenção direta no Peloponeso. Mesmo assim, Atenas conservou um base naval no golfo Corinto, em Naupaco, e manteve a autoridade sobre Égina. A guerra do Peloponeso estava apenas iniciando.(JONES, 1984: p. 26).

BIBLIOGRAFIA

JONES, V. Peter. **O Mundo de Atenas: Uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.